

LÍNGUAS ESPECIAIS, LÍNGUAS SECRETAS: NA ÁFRICA E NO BRASIL

Margarida Maria Taddoni Petter*

RESUMO: Este trabalho apresenta o *lá'bi*, língua de iniciação da África, e compara-o à *cupópia*, “língua africana” do *Cafundó*. Discute a possível semelhança dessas línguas com *pidgins* ou *crioulos* e propõe a sua classificação como línguas especiais, levando em conta suas características formais e suas condições de produção e uso.

PALAVRAS-CHAVE: línguas especiais; línguas de iniciação da África; línguas africanas no Brasil; *pidgins*; *crioulos*.

A denominação “línguas especiais” designa formas de falar próprias de uma faixa etária ou de um grupo de pessoas dedicadas a atividades específicas, segundo a formulação clássica de Arnold Van Gennep (1908). Estariam incluídos nessa classificação os *jargões* de profissionais e o conjunto de formas de expressão identificadas como *gíria*. A descrição lingüística desses falares reconhece que não são “línguas estrangeiras”, pois só diferem da língua comum em parte do léxico. Seus falantes, no entanto, têm o sentimento de falar outro idioma, pois o fato de nomear de forma diferente dá-lhes a ilusão de que se trata de uma outra língua.

Em sociedades negro-africanas, a existência de “línguas especiais” de iniciação masculina permite ampliar a discussão sobre a identidade lingüística desse tipo de linguagem. Na República Centro-Africana e nos Camarões as iniciações *lá'bi* e *tò* dos povos Gbaya mostram uma situação

* Universidade de São Paulo - USP.

comparável à das gírias e jargões: a fonologia e a gramática são as mesmas da língua comum, *gbáyá*, no caso, enquanto que o léxico dos três falares difere totalmente. A especificidade dessas “línguas especiais” africanas reside exatamente neste aspecto: o fundo lexical básico não é tirado da língua comum, o *gbáyá*, mas é emprestado, em parte, de uma língua estrangeira. A maior parte das raízes *lá’bì* são originárias da língua *sara làkà*, e muitos termos *tò* provêm do *mbum*, línguas diferentes de povos vizinhos dos Gbaya (Moñino, 1991:6). Esse fato levou Samarin (1971) e Noss (1977) a associar essas “línguas especiais” às línguas pidgins, que surgem em consequência do contato de locutores de línguas diversas.

No Brasil, há um uso lingüístico que pode ser aproximado da realidade africana, a *cupópia*, “língua especial”, “secreta”, pois é de domínio exclusivo de habitantes do Cafundó¹. Essa linguagem apresenta a singularidade de ter incorporado um léxico reduzido de origem banto-quimbundo, em particular – à sintaxe do português local, o dialeto rural da região de Sorocaba. Vogt, Cnerre e Fry, os primeiros pesquisadores que identificaram essa fala, em 1978, levantaram a hipótese de que se tratava de uma remanescência de um antigo crioulo banto-português, possivelmente em estado avançado de descrioulização².

Entretanto, para definir essas “línguas especiais”, tanto na África como no Brasil é necessário considerar as condições especiais de sua produção e de seu emprego, pois é o uso, também, que faz dessas “línguas” um tipo lingüístico especial. Com o objetivo de compreender melhor a especificidade dessas formas de expressão e verificar sua possível semelhança com pidgins ou crioulos, serão analisadas, a seguir: (i) as condições de produção e uso e (ii) as características formais do *lá’bì* e da *cupópia*.

1 Comunidade afro-brasileira rural, situada em Salto de Pirapora, na região de Sorocaba, a 150 km da cidade de São Paulo.

2 Essa informação consta de um texto do *Inventário Analítico da Coleção do Cafundó*, UNICAMP, CEDAE, s/d, não sendo de nosso conhecimento sua publicação em periódicos ou livros.

1. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E USO

1.1. NA ÁFRICA

Segundo Moñino³, o *lá'bi* era a principal iniciação masculina de diversos povos situados a oeste da República Centro-Africana e a leste de Camarões. Embora não fosse obrigatória, quase a totalidade dos adolescentes, entre 12 e 18 anos, a acompanhavam, por cerca de três anos. O objetivo dessa atividade era transformar os meninos em homens, pela morte simbólica dos primeiros e pela aquisição, na mata, dos conhecimentos dos últimos, tais como, caçar, preparar armadilhas, reconhecer os animais e as plantas, controlar o corpo, falar uma língua “secreta”, etc. As sessões ocorriam a cada sete anos (1977: 115).

Os Gbaya *bòdòè*, povo do sub-grupo *gbàya-kàrà*, cuja língua é analisada por Moñino, afirmam que “três caminhos conduzem ao estado de pessoa humana única: o **bànà.mbílò**, primeira iniciação dos meninos; o **lá'bi**, que transforma os meninos (estado incompleto do indivíduo) em homens: e o **bànà**, iniciação feminina que transforma as meninas em mulheres. Os três caminhos convergem e se encontram numa só estrada, que representa a pessoa **gbáyá**” (1977:115). O *lá'bi* é uma instituição destinada a preparar os homens para a vida em sociedade e não se trata, portanto, de uma associação secreta, uma confraria com atividades ocultas.

A língua de iniciação, distinta da língua materna dos participantes, era comum, teoricamente, a todos os povos que praticavam o *lá'bi*. Ela era falada durante a iniciação pelos iniciados: os Mbum, os Pana e os Karé (etnias que falam três dialetos de uma mesma língua); pelos Gbaya, cuja língua difere da dos Mbum, mas pertence ao mesmo ramo Adamawa-Ubangi, da família Níger-Congo; e talvez pelos Sara Laka, cuja língua

3 As considerações sobre línguas especiais, na África, fundamentam-se nos trabalhos de Moñino (1977,1985,1987,1991).

pertence à família Nilo-Saariana. Atualmente, só os Pana continuam a praticar a iniciação, os demais a abandonaram entre 1900 e 1965 (op. cit.:116).

A língua de iniciação é de uso interno de um pequeno grupo (quatro a cinco mil pessoas, em média). Como não é usada nos contatos com o exterior, evolui de modo diverso em cada um dos grupos, e mais rapidamente do que a língua materna, pois a maior parte das mudanças são voluntárias e conscientes – como o fato de substituir palavras, porque essas já se tornaram conhecidas das mulheres, por exemplo.

As línguas *lá'bi* adaptavam-se às línguas maternas, pois utilizavam a sintaxe dessas, o que favorecia o aprendizado mais rápido: eram faladas correntemente em menos de três meses. Os mestres ensinavam a língua conversando e dividiam o aprendizado do vocabulário por temas – nomes de animais, de plantas, topografia da região, etc. Entre si, somente, os iniciados reconheciam que a língua *lá' bi* era uma maneira diferente de nomear o mundo, “um metadiscurso sempre reelaborado por seus locutores, e não uma língua constituída” (Moñino, 1991:15). Para os não iniciados diziam, conforme o que lhes fora recomendado, que o *gbáyá* e o *lá'bi* eram línguas, de natureza equivalente, mas diferentes. O *lá'bi* é o apanágio dos homens iniciados – sua prática é apresentada ao meio externo não como o resultado de um aprendizado, mas como o efeito imediato da ressurreição do neófito: depois de ter sido morto simbolicamente pelo carrasco, ele renasce, falando somente em *lá'bi*, tendo esquecido o *gbáyá*.

O fato de os iniciados apresentarem o *lá'bi* aos não iniciados como uma “língua”, quando eles sabem que se trata de um discurso criptográfico, constitui uma espécie de “farsa”, da mesma forma que a presença de uma cicatriz no ventre, exibida como sinal da morte provocada pela azagaia do carrasco, quando, na realidade, foi feita com o barbeador. Moñino observa ser significativo que o conjunto constituído por duas marcas exteriores – a cicatriz e a prática do falar *lá'bi* – seja necessário e suficiente para legitimar e identificar um iniciado (1991:16).

Os falantes do *lá'bì* afirmam comunicar-se numa “língua secreta”, que não deve ser compreendida pelas mulheres, crianças ou estrangeiros. Insistem na preservação do segredo que, se for desrespeitada, causará a morte do transgressor. No entanto, Moñino não teve dificuldade para aprender a língua. Verificou que as mulheres de uma certa idade dirigem-se aos homens, em situações de “reprovação afetuosa”, num *lá'bì* corrente; as mais jovens também conhecem a língua, mas evitam utilizá-la em público. Mesmo as crianças não iniciadas compreendem ordens dadas em *lá'bì*, do tipo “Vá buscar lenha!” ou “Traga água!” (1991:16).

Como explicar o caráter “secreto” de um código que quase todos conhecem e que alguns fingem desconhecer? O fato de falar uma língua cifrada não é interpretado por Moñino como a proteção de um segredo, mas como uma afirmação de convivência: por um lado, a convivência afetuosa dos iniciados que partilharam os mesmos sofrimentos; por outro, embora sob uma máscara autoritária, convivência com aqueles que o *lá'bì* diz excluir (op. cit.: 17).

1.2. NO BRASIL

Logo ao ser “descoberto”, em 1978, o Cafundó chamou a atenção dos pesquisadores pelo fato de seus habitantes serem negros e falarem uma “língua” africana. Segundo a história oral, a comunidade se constituiu logo após a abolição, instalando-se em terras que foram doadas pelos senhores brancos, por volta de 1888, a duas irmãs – Antônia e Ifigênia – que, ao casar-se, deram origem às duas parentelas que compõem o Cafundó: os Pires Cardoso e os Almeida Cactano (Vogt e Fry, 1996:37-38). Os Almeida Cactano – “católicos”, caracterizados pelos vizinhos da região como “vagabundos”, em oposição aos Pires Cardoso, “crentes” e “trabalhadores” – compensam a avaliação negativa pelo uso da “língua africana”. Os Pires Cardoso se apresentam como não falando e desconhecendo a “língua”. Esses contrastes, no entanto, diluem-se na luta que une os dois grupos – a antiga reivindicação pelo reconhecimento legal da posse definitiva das terras.

Não se sabe exatamente se a *cupópia*, termo pelo qual se identifica a “língua”, sempre foi falada no Cafundó, ou se, conforme alguns moradores, teria sido trazida por familiares dos Almeida Cactano que, em razão de casamento, teriam deixado um bairro vizinho já desaparecido, o Caxambu, onde se falaria originalmente a “língua”.

As pessoas só aprendiam a *cupópia* quando começavam a participar do mundo adulto. No entanto, depois da “descoberta” do Cafundó, o prestígio da “língua” levou as crianças a se interessarem em mostrar suas habilidades lingüísticas. Uma das moradoras chegou a dar aulas para as crianças. Com sua morte prematura, o curso interrompeu-se e o aprendizado continuou a ser feito informalmente, no convívio social.

As palavras de origem africana que constituem o léxico da *cupópia* têm correspondência em línguas do grupo banto: quimbundo, quicongo e umbundo, principalmente. Essa evidência lingüística não permite garantir que os antepassados dos cafundoenses tenham vindo de regiões onde se falavam essas línguas, pois eles podem ter aprendido essa linguagem em postos de embarque ou aqui no Brasil. Essa “língua” poderia ter sido um falar emergente nas senzalas, uma espécie de pidgin, que se tornara língua geral, sem que dela se tivesse, no entanto, outros registros (id., ibid., 185).

As evidências históricas, no entanto, permitem explicar, de certo modo, a predominância das línguas do grupo banto. O recenseamento de 1801 indicava que 87% dos escravos da região de Sorocaba, onde se situa o Cafundó, eram originários de “Angolla”, termo que designava os cativos exportados via Luanda, área lingüística banto (id., ibid., 184).

Os falantes da *cupópia* acreditam falar uma língua africana, seja pela presença de termos do quimbundo, quicongo e umbundo, seja pelo fato de se representarem como “africanos”. Diferentemente da língua de iniciação africana, seu uso não está condicionado a nenhum acontecimento; é falada no dia-a-dia, nas diferentes situações cotidianas. Seus falantes atribuem-lhe a função de código secreto, embora o léxico seja de domínio de muitos vizinhos de Salto de Pirapora e seja conhecido de um público dificilmente mensurável, depois das publicações de Vogt e Fry (1982, 1996).

O segredo da “língua” transcende o manejo do léxico dentro da estrutura do português local, pois para utilizá-la com eficiência é necessário compartilhar, também, desejos e identidades. O mero conhecimento do léxico por um estrangeiro não garante a compreensão adequada da mensagem, pois há muitas possibilidades de interpretação para enunciados semelhantes. A multiplicidade de significados é obtida por meio de procedimentos de eclipse e alusão, “como se o seu uso pela comunidade estivesse sempre condicionado pela formulação necessária de enigmas a serem decifrados” (Vogt e Fry, 1996:202). Assim, as palavras são abreviadas, como numa situação relatada por Benedito Norberto, em que a frase “*vim tá orõ vá*” é indecifrável para quem conheça apenas a “língua” e não compartilhe o segredo de seu uso. As palavras foram “cortadas”: *vim* = *vimbundo*; *tá* = *está*; *orõ* = *orombongue*; *vá* = *vavuro*, que significam, respectivamente, /homem preto/ está/ dinheiro/ muito/. Na situação em que ela foi dita, o falante queria informar que pagaria a bebida que ele e seu amigo estavam tomando no bar (op. cit.: 203). Além de compreender o expediente criptográfico, caracterizado por clípses, é necessário um grau elevado de convivência entre os interlocutores para captar a alusão implícita daquele enunciado que, depois da reconstituição dos itens lexicais, equivaleria a “o homem preto está com bastante dinheiro”.

A função social dessa “língua”, mais do que impossibilitar a compreensão dos que não pertencem ao grupo, é atar laços de solidariedade; primeiramente, entre os locutores nativos, que se distinguem como sendo “africanos”, em segundo lugar, entre esses falantes e os moradores das proximidades. Esse convívio evita o isolamento do grupo e garante a circulação do segredo – condição básica para que o sentido oculto e reservado para poucos se mantenha em evidência. A chave do segredo, como já foi dito, não reside na compreensão do léxico de origem africana, mas na utilização especial desse vocabulário, que só os cafundoenses sabem fazer.

2. CARACTERÍSTICAS FORMAIS

2.1. LÁ'BI

Os morfemas simples do *lá'bi* representam apenas 15% do léxico, enquanto em *gbáyá* a proporção de termos simples é de 67%. Parte desse léxico foi emprestada do *sara*, como a denominação de elementos importantes, tais como água, fogo, mato, campo, pedra, animal, serpente, palavra, cabeça, olho. Há uma pequena quantidade de termos da língua *pàna*. Os demais termos básicos parecem ter sido inventados. O pequeno número de lexemas simples da língua secreta não impede que a comunicação se estabeleça em toda plenitude, pois o léxico se enriquece por meio de três procedimentos:

1º *Composição* – é o processo mais freqüente e consiste em justapor dois ou mais termos simples, com o objetivo de traduzir um termo simples do *gbáyá*, sem restrição à combinação de categorias. Os compostos mais comuns são do tipo Verbo+Nome, como *ηòí . dòm* /coçar-cabeça/, “piolho”.

2º *Derivação* – é utilizado na língua de iniciação somente para formar verbos. Em alguns casos não há modificação formal na mudança de categoria, mas é mais freqüente a derivação por meio do acréscimo do sufixo *-à*: de *ngók* “enganar”, forma-se *ngókà* “a rede” (o “engador”, pois o animal não a vê).

3º *Concentração* – consiste em agrupar duas ou mais palavras da primeira língua (*gbáyá*) num só vocábulo em *lá'bi*, porque o seu sentido se aproxima (sinonímia e analogia), ou porque há semelhança fonética (homonímia). Um exemplo de analogia semântica é *bójó*, em *lá'bi* traduz ao mesmo tempo os significantes *gbáyá kò* “buraco” e *lîm* “armadilha”.

Um termo simples *gbáyá* pode ser analisado como sendo um composto, conforme o princípio da charada, e cada um dos elementos será traduzido em *lá'bi*. Por exemplo, a palavra *kpánà*, que designa em *gbáyá* “a cerâmica” em geral, é tratada como se fosse *kpá . ná* /encon-

trar-não/ e se traduz pelos elementos correspondentes em *lá'bì*, *yídí. yá*.

Essas aproximações não atingem todos os homônimos em *gbáyá*; alguns são traduzidos por dois termos em *lá'bì*. Nem sempre se pode explicar a associação por semelhança fônica ou por associação de idéias; parece que a maior parte dos “trocadilhos” é gratuita (Moñino, 1977:117-123).

A língua *lá'bì* recorta a realidade e a organiza sob as mesmas bases, as mesmas oposições existentes na língua materna *gbáyá*, enfatizando alguns aspectos e simplificando, às vezes, para conservar somente o indispensável. Pelo procedimento da composição agrupa muitos termos sob um só elemento, imperceptível em *gbáyá*; pela derivação relaciona uma ação ou um estado e o objeto que os simboliza; pela concentração reúne termos e reduz os sistemas de oposição (Moñino, op. cit.:146).

Os termos simples não motivados são poucos, em *lá'bì*. A maior parte do vocabulário é formada por composição, derivação e jogos com as palavras (charadas, homonímias). Essa organização lingüística facilita o aprendizado, pelo caráter motivado da associação de idéias utilizada para a formação de palavras (Moñino, 1987:220).

2.2. CUPÓPIA

O léxico básico da cupópia é constituído de cento e sessenta itens lexicais, dos quais quinze são verbos, treze são qualificadores, dois são advérbios; o restante – a maioria – são nomes (Andrade Filho, 1993:100).

A exigüidade desse vocabulário é compensada pela produtividade da criação lexical, que utiliza, preferencialmente, o procedimento da composição:

1º Pela simples justaposição de nomes:

(i) *anguta-camanaco* /moça-criança/, “menina-moça”

2º Pela justaposição de nomes ligados por preposições:

(ii) *nangá do viçó* /roupa/do/olho/, “óculos”

(iii) *tata do injó do maiêmbi do nangá avere /homem/da/casa/ do/ remédio/da/roupa/branca/, “médico”*

3º Por meio de perífrases com cláusulas relativas:

(iv) *sângi do tec que vareia o mafingue /ave/da/noite/que/come/o/ sangue/, “morcego”*

Como se observa, a expansão lexical ocorre através do uso de expressões formadas por processos metafóricos e analógicos. Se por um lado esses procedimentos facilitam o aprendizado da *cupópia*, por outro, o uso de uma linguagem figurada, aliado à forte presença de homonímia, sinonímia e polissemia, dificulta a comunicação, principalmente para quem apenas conhece o léxico, não sendo usuário fluente. Exemplos de homonímia e polissemia são os itens *cumbe*, significando “sol, cidade, povoado” e *cupópia*, para designar “voz, fala, verdade” (Vogt e Fry, 1996:129, 300).

Do ponto de vista morfossintático, a *cupópia* apresenta características comuns ao português coloquial da região, como alguns dos aspectos apresentados a seguir (cf. Andrade Filho, 1993:182-194):

1º A pluralidade é indicada através do acréscimo de *-s* ao primeiro elemento do sintagma nominal:

(v) *Os tata cuendano quilombo vavuro no túri dos tata vimbundo. /os/homens/andando/longe/muito/na/terra/dos/homens/pretos/*
“Os homens estão indo muito longe na terra dos homens pretos”.

2º O uso do artigo definido é facultativo, exceto quando funcionar como marcador de pluralidade:

(vi) *Camanaco cuendô vava no nhoto. /menino/levou/água/no/corpo/*
“O menino tomou banho”.

3º O gênero do substantivo é indicado pela variação do artigo; o adjetivo é invariável quanto ao gênero:

(vii) *As vimbundo jocosotoco cuendô pra cogenga carunga.*

/as/pretas/velhas/foram/para/morte, cemitério/buraco/

“As pretas velhas foram para o cemitério”.

4º Os verbos da *cupópia* terminam em *-á*, no infinitivo, como os da primeira conjugação do português coloquial. Apresentam variação em três formas: 1ª pessoa do singular; 2ª e 3ª pessoa do singular e do plural; 1ª pessoa do plural. Exemplificando com a conjugação de *cuendá* “chegar, pôr, vir”, no presente do indicativo:

(viii) *eu cuendo, você cuenda, ele cuenda, nós cuendamo; vocês cuenda, eles cuenda.*

As características morfossintáticas apontadas acima refletem um mecanismo de redução e regularização, freqüentemente citadas como típicas de pidgins e crioulos, não são exclusivas desses sistemas lingüísticos, visto que são encontradas na fala coloquial não padrão de muitas regiões do país.

3. *LÁ'BI* E *CUPÓPIA* SÃO PIDGINS/CRIOULOS?

Pidgins surgem da necessidade de encontrar uma forma de comunicação entre povos de línguas diversas. São sistemas lingüísticos cujo léxico é simplificado, especialmente em sua morfologia, e cujo funcionamento gramatical depende pouco das línguas lexificadoras (Bakker, 1995:25).

Na definição de D. Hymes, pidginização “é o processo complexo de mudança sociolingüística compreendendo redução da forma interna, com convergência, no contexto de restrição de uso” (1971:84). Por convergência deve entender-se todo fenômeno de contaminação fonética, gramatical ou lexical. Esse processo, segundo a opinião comum, consiste essencial-

mente numa simplificação das regras morfofonológicas e uma redução do número e da complexidade das regras gramaticais, resultando na abolição de qualquer referência a uma norma, mesmo que virtual (Manessy, 1995:30-33).

Ainda segundo D. Hymes, crioulização “é o processo complexo de mudança sociolingüística compreendendo expansão da forma interna, com convergência, num contexto de extensão de uso” (1971:84). Não se trata de um processo inverso ao da pidginização, já que ambos implicam um remanejamento do sistema lingüístico de origem; a diferença reside no uso, mais ou menos restrito, entendendo-se por isso não a quantidade e a natureza da informação objetiva, mas significando a redução (funcionalização) ou a ampliação das funções desempenhadas pela linguagem. Os crioulos distinguem-se dos pidgins por constituírem uma variedade dialetal nova que, pelo fato de ter seu uso estendido, permite que a função referencial da linguagem se exerça por alusões parcialmente implícitas a um sistema de significados comuns, visto que o falar chegou a tornar-se a primeira língua da comunidade (Manessy, 1995:36).

Partindo das afirmações acima enunciadas é possível estabelecer um primeiro paralelo entre as línguas de iniciação *lá'bì* e a *cupópia*, de um lado; e os pidgins/crioulos, de outro. Considerando-se, inicialmente, a gênese dessas formas de expressão verbal, verifica-se que o *lá'bì* e a *cupópia* não surgem, como os pidgins/crioulos, para resolver situações de contato lingüístico; ao contrário, aquelas línguas especiais/secretas formam-se no interior de uma comunidade que compartilha a mesma língua, com o objetivo de criar um código de acesso exclusivo a um subgrupo. Ao invés de buscar propiciar a comunicação entre locutores de línguas diferentes, o *lá'bì* e a *cupópia* visam a limitar o número de seus falantes a um grupo selecionado: os homens participantes da iniciação *lá'bì* e os descendentes de africanos de uma das parentelas residentes no Cafundó, no caso da *cupópia*. Tomando como parâmetro as características formais, encontram-se pontos de convergência entre os tipos lingüísticos analisados. O léxico do

lá'bi e da *cupópia* são, em grande parte, emprestados de outras línguas, como os *pidgins*; a sintaxe e a fonologia acompanham, com algumas alterações, o modelo da língua comum. Manessy observa que, nos *pidgins*, o léxico se sobrepõe a qualquer modo de expressão, pois ele é mais fácil de adquirir e manejar com eficácia em situações sem ambigüidade (1995:25). Da mesma forma, nas línguas especiais/secretas sob análise, a aquisição do léxico estrangeiro é mais fácil e fornece ao falante a evidência mais explícita de que está utilizando uma nova “língua”, cujo funcionamento se baseia nos procedimentos de estruturação lexical, sem referência a uma sintaxe particular, como os *pidgins*.

Haiman afirma que há uma correlação inversa entre a expansão lexical de uma língua e a iconicidade de sua gramática. Distingue *línguas lexicais* de *línguas gramaticais* pelo fato de as primeiras possuírem um repertório grande de raízes primárias, enquanto as *gramaticais* têm um pequeno estoque, cujo déficit é compensado pelas construções perifrásticas. As línguas estabelecidas há mais tempo são, relativamente, mais lexicais, enquanto *pidgins*, línguas de comércio, variedades de segunda língua e linguagem infantil são mais gramaticais. As línguas *gramaticais* possuem um léxico restrito e uma estrutura analítica. Em consequência observa-se um grau mais elevado de motivação e transparência na composição e nas estratégias de circunlóquio, onde a sintaxe compensa a ausência de processos morfológicos produtivos. Quanto maior o léxico maior a opacidade, quanto menor o léxico maior a transparência e iconicidade dos (sub) sistemas lingüísticos (1989:515). O *lá'bi* e a *cupópia* podem ser incluídos entre as línguas *gramaticais*, pois compartilham os mesmos traços formais.

Muito embora os traços gramaticais sejam semelhantes, não constituem um argumento suficiente para identificar as línguas especiais/secretas focalizadas como *pidgins*, pois como se observou acima, as mesmas características gramaticais encontram-se em outras formas de expressão lingüística não reconhecidas como *pidgins*. Lembrar de pidginização ao tratar do *lá'bi* e da *cupópia* permite destacar, no entanto, a problemática

do contato de línguas. O que vai individualizar cada uma dessas línguas são as condições de seu emprego, ou seja, as funções que elas assumem, seu estatuto e as conotações que elas veiculam.

Os *pidgins* têm seu emprego restrito a circunstâncias específicas, são mais funcionais, no sentido de Martinet, isto é, têm sua eficácia aumentada enquanto instrumento de comunicação, valorizando a função referencial, em detrimento das outras funções da linguagem (Manessy, 1995:35). Os *crioulos* têm uso mais ampliado, preenchem todas as funções comunicativas, tornando-se a primeira língua de uma comunidade.

O *lá'bì* e a *cupópia* formam-se em condições sociais e lingüísticas diferentes dos *pidgins* ou *crioulos*. São utilizados como meio de comunicação de um grupo no interior de uma mesma comunidade lingüística. Envolvem um contato com outra(s) língua(s), mas estabelecem com a(s) língua(s) fonte(s) uma relação que as distingue, pois é marcada pelo processo de criptografia. Moñino afirma que, no caso do *lá'bì*, consiste num procedimento de disfarce mais ou menos complexo da língua comum, efetuado por um grupo no interior de uma comunidade, para dotar-se, primeiramente, de uma marca de distinção, e em seguida com o objetivo de assegurar a comunicação de seus membros, comunicação que implica, necessariamente, os terceiros pretensamente excluídos.

A *cupópia*, da mesma forma que a língua de iniciação africana, utiliza-se de mecanismos de disfarce, como a elipse e a alusão, que dificultam a compreensão de quem tem apenas um conhecimento passivo do léxico de origem africana. O uso dessa “língua” distingue seus falantes, identificando-os como “africanos”. Ao mesmo tempo em que preserva a comunicação entre os membros do grupo não exclui os vizinhos mais próximos, pois deles depende, também, a sobrevivência da língua “secreta”.

Moñino considera o *lá'bì* uma *pseudo-língua*, pois ela não se constitui como uma nova língua, mas opera, intencionalmente, uma transformação na língua comum (1991:17019). A *cupópia*, apesar de ser apresentada por seus falantes como uma “língua africana”, corresponde a

uma reformulação lexical do dialeto comum da região, podendo, também ser considerada uma *pseudo-língua*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do paralelo estabelecido entre a língua de iniciação africana e a *cupópia* sobressaem analogias importantes, que envolvem semelhanças de estruturação lingüística e de condições sociais de uso, que permitem considerá-las *línguas especiais*. Essa aproximação evidencia, também, um traço constitutivo dessas linguagens – a *oralidade* – entendida como instrumento de expressão e transmissão de conhecimentos. O “segredo” que essas línguas especiais/secretas veiculam foi conservado e transmitido exclusivamente pela linguagem oral. Essa característica identifica as civilizações africanas, chamadas de *civilizações da oralidade*, em razão do privilégio que concedem à palavra verbalizada como depositária e veículo do conhecimento. É significativo o fato de que descendentes de africanos tenham perpetuado no Brasil o valor civilizatório da *palavra falada*, transformada, aqui, em condição de coesão e sobrevivência de um grupo.

Há outra característica comum a destacar: a vitalidade desses subsistemas lingüísticos. As sociedades africana e cafundoense participam inevitavelmente de processos de transformação e mudança que têm levado à diluição do uso de suas línguas especiais/secretas. Em algumas regiões da África, essa linguagem de iniciação já desapareceu. No Cafundó, o uso efetivo dessa fala cifrada, com estrutura sintática do português e léxico reduzido de origem africana não é mais tão extenso como fora observado por Vogt e Fry. Entre os sessenta habitantes do Cafundó, apenas quatro adultos têm condição de utilizar a *cupópia* com certa fluência. As crianças conhecem apenas alguns termos e respondem a algumas ordens dadas na “*língua*”.

No momento em que as relações entre os membros de um grupo e entre esse e a sociedade envolvente se esgarçam e se transformam, surge uma nova dinâmica social a que os códigos de comunicação devem ade-

quar-se. Nessa nova ordem, em que necessidades e significados novos impõem o estabelecimento de outros contratos e confrontos, as *línguas especiais/secretas*, tanto na África quanto no Brasil, podem não mais encontrar espaço para transformar-se e manter-se.

ABSTRACT: This paper presents the lá'bi, initiation language of Africa, and compares it to the cupópa, "african language" of Cafundó. It discusses the possible similarity of these languages with pidgins or creoles and argues their classification as special languages, considering their formal features and their conditions of production and use.

KEYWORDS: special languages; initiation languages of Africa; african languages in Brazil; pidgins, creoles.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE FILHO, S.V.(1993) *O Léxico Africano do Cafundó*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.
- BAKKER, P. (1995) "Pidgins". In ARENDS, J., MUYSKEN, P., SMITH, N.(orgs.) *Pidgins and Creoles, an introduction*. Amsterdã, John Benjamins Publishing Company.
- HYMES, D.(1971) *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge, University Press.
- HAIMAN, J. (1989) "The iconicity of grammar". In *Language* 56: 515-540.
- MANESSY, C. (1995) *Créoles, Pidgins, Variétés Véhiculaires – Procès et Genèse*. Paris, CNRS ÉDITIONS.
- MOÑINO, Y. (1977) "Conceptions du monde et langue d'initiation lá'bi des Gbaya-Kara". In CALAME-CRIAULE, C. (org.) *Langage et cultures africaines- Essais d'ethnolinguistique*, Paris, François Maspero.
- _____. (1987) "Le creuset de la parole (Gbaya 'bodoc; République centrafricaine)". In *Journal des Africanistes* 57: 207-224.

- _____. (1988) "Les initiations masculines à l'est de l'Adamawa: aires d'extension et problèmes de diffusion". In *LE MILIEU ET LES HOMMES, RECHERCHES COMPARATIVES ET HISTORIQUES DANS LE BASSIN DU LAC TCHAD – Actes du 2ème colloque Méga-Tchad, ORSTOM BONDY, le 3 et 4 octobre 1985, Paris, Éditions de l'ORSTOM*.
- _____. (1991) "Les langues spéciales sont-elles des langues? La notion de pseudo-langue à travers l'exemple d'une 'langue d'initiation' d'Afrique Centrale". In *Langage et Société* 56:5-20.
- NOSS, PH. (1977) "Compounding in TO: the Dynamics of a Closed-Pidgin". In *Studies in African Linguistics*, suppl. 7:185-197.
- SAMARIN, W. (1971) "Adamawa-Eastern". In *Current Trends in Linguistics*, 7 (T. Sebeok, ed.) La Haye-Paris, Mouton: 213-244.
- VAN GENNEP, A. (1908) "Essai d'une théorie des langues spéciales". In *Revue des Etudes Ethnographiques et sociologiques de Paris*: 327-337.
- VOGT, C.e FRY, P. (1982) "A descoberta do Cafundó: alianças e conflitos no cenário da cultura negra no Brasil". In *Religião e Sociedade*, nº 8: 44-51, Rio de Janeiro.
- _____. (1996) *Cafundó: a África no Brasil: linguagem e sociedade*. São Paulo, Companhia das Letras.

CONTEXTO E FUNCIONAMENTO DO DISCURSO ORAL

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade *

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar um referencial teórico sobre contexto verbal e não-verbal, visando a explicitar o funcionamento e as inter-relações dos diversos tipos de contexto que integram a construção do significado comunicativo de interações verbais contendo trechos digressivos.

PALAVRAS-CHAVE: contexto; entorno; relevância; configuração contextual; digressão.

1. CONTEXTO E ENTORNO: UMA QUESTÃO DE LIMITE?

Para um estudo pormenorizado do contexto, é preciso que se faça um levantamento de como esse elemento tem sido tratado na literatura lingüística. Numa primeira busca, o investigador se depara com o termo *entorno* – elemento que circunscreve a atividade lingüística – e percebe que está diante da primeira distinção a estabelecer. O termo *entorno* e seu conceito são empregados por Bühler (1934) na acepção procedente da teoria das cores. O fenômeno do contraste cromático é descrito, conforme assinalam os discípulos de Edward Hering, mediante a indicação de que cada ponto de cor em uma superfície recebe influência na impressão pelo *entorno* do ponto. A influência entre “interior” e *entorno* é recíproca.

Bühler observa que esse conhecimento adquirido através da teoria das cores foi ampliado e transferido para outros campos do conhecimento em que o homem necessita fazer considerações sobre totalidade. Em tais

* Universidade de São Paulo - USP.